

## “Dores só as minhas”: notas sobre *Angústia*

Susana Zanon\*  
Robson Pereira Gonçalves\*\*

**Resumo:** Este artigo pretende lançar uma investigação em torno do romance *Angústia*, publicado em 1936 por Graciliano Ramos. Sob a ótica psicanalítica de intelectuais à sombra de Sigmund Freud, como Jacques Lacan, analisa-se o fenômeno da angústia subjacente no texto, bem como a maneira pelo qual os afetos se desencadeiam, através dela, na vida do protagonista Luis da Silva.

**Palavras-chave:** Afetos. *Angústia*. Graciliano Ramos. Sigmund Freud. Jacques Lacan.

*O romancista de Angústia nos  
arranca o estômago. Nos põe meio  
alucinados, doentes, enraivecidos,  
nervosos. Todas as sensações  
juntas ele nos dá. Ai é que está a  
sua força.*

Jorge Amado

Em 1936, no *Boletim de Ariel*<sup>1</sup>, Jorge Amado asseverou ser o romance *Angústia*, publicado neste mesmo ano, o ponto mais alto da escrita de Graciliano Ramos, obra feita sem barulhos, livro onde nada é inútil, em que nada é forçado, tampouco nada lhe falta. E Amado estava certo.

---

\* Mestre em Letras (URI). Professora na Faculdade Borges de Mendonça, Florianópolis, SC. E-mail: su09zannon@yahoo.com.br.

\*\* Dr. em Letras (PUC, RS). Professor no PPGL, URI, Frederico Westphalen. E-mail: pgrobson@terra.com.br.

<sup>1</sup> Resenha de *Angústia*, publicada por Jorge Amado, no *Boletim de Ariel*, em novembro de 1936, p. 42-43, Ano VI, n 2.

Suzana  
Zanon  
  
Robson  
Pereira  
Gonçalves

---

114

Tecido durante o período repressivo de Getúlio Vargas, em vésperas da instauração do Estado Novo, *Angústia* é a narrativa que prenunciou a supressão do desejo da produção literária e o estado de dor psicológica de Graciliano Ramos. Numa era de turbulências políticas, dificuldades financeiras e tristezas frente à situação do povo do nordeste, Ramos passava a vivenciar a angústia e aflição que o corroíam, através da escrita deste livro. Além disso, a saliente rispidez das relações humanas na zona rural de Alagoas é cristalizada nesta narrativa, de forma a mostrar a enorme desigualdade entre trabalhadores e coronéis. Sobre este ponto de vista, encontramos na fortuna crítica de *Angústia* as declarações de Silviano Santiago, ao dizer que “nas comunidades rurais alagoanas, o relacionamento entre os humanos é rude e áspero. São todos dominados pela vontade férrea do coronel, que toma assento no topo da pirâmide político familiar” (SANTIAGO, 2011, p. 350).

Quanto ao aspecto formal, como já percebe Adonias Filho,

*Angústia* foge a tendências de orientação dostoiévskiana. Como foge à dissociação do romance proustiano. Como, também, foge à divisão pirandelliana da personalidade. Está tão longe de Dostoiévski, Proust, Pirandello, como está longe de Julien Green, Joyce, Zola ou Gorki. Porque *Angústia* é um romance de sentido introspectivo moderno. E porque assim o é, aproxima-se mais dos médicos que dos grandes mestres do romance. (FILHO, 2011, p. 243).

Graciliano, através da realidade caótica, carente e injusta, exposta no texto, leva o leitor a profunda experiência de autodescoberta, de decifração de seus próprios sentimentos, e de suas mais profundas interrogações. Ressaltamos as considerações de Compagnon a respeito do efeito do ato de ler sobre aquele que a isso se dedica: “O leitor é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro; aliás, ele não pode compreender um

livro se não se compreende ele próprio graças a esse livro” (COMPAGNON, 1999, p. 144).

Sob este viés, repousa, acima de tudo, a subjacência dos afetos, mola propulsora deste romance de Ramos, ou, melhor dizendo, o que move o personagem - entremeio ao infortúnio de sua existência, ao marasmo, ao tédio e à dor da decadência da vida humana frente à condição deplorável de sua terra natal, o nordeste.

A desigualdade é um dos fatores que fazem com que os vários afetos do protagonista se manifestem e mostrem o seu pleno estado de angústia frente a sua realidade. A atmosfera de *Angústia* contempla “o sofrimento da multidão, a tragédia periódica das secas”. (RAMOS, 2011, p.41), conforme aludido pelo protagonista que se enquadra, bem como o povo de sua terra, em uma “raça vagabunda e queimada pela seca” (RAMOS, 2011, p. 35).

O enredo se dá em torno do personagem Luis Pereira da Silva, funcionário público que, nas horas vagas, escreve artigos para jornais. O protagonista vive uma existência de tédio, de dor frente à seca, à desesperança e, principalmente, à desilusão amorosa. Marina é quem lhe faz a paixão interminável nascer em seu coração; todavia, esta moça, sem atributos de beleza extremos, acaba traindo-o com Julião Tavares, que a tem apenas como brinquedo, uma diversão. A angústia de Luis manifesta-se perpétua e intensamente no romance, levando este personagem a cometer um crime hediondo, ou seja, o assassinato de Julião.

A narrativa se inicia revelando o sentimento de incompletude, tormento e agitação do narrador/protagonista frente a sua condição: “Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos, que emagreceram. As mãos já não são as minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis. As escoriações das palmas cicatrizaram” (RAMOS, 2011, p. 21). Essas manifestações

*“Dores só as  
minhas”:  
notas sobre  
Angústia*

---

115

*Suzana  
Zanon*  
  
*Robson  
Pereira  
Gonçalves*

---

116

evidenciam não somente as inquietações do personagem, mas o seu processo de deterioração. Em vista disso, as adjetivações de autodepreciação são uma constante no romance; qualidades como “pobre-diabo”, “rato assustado”, “parecer-se com um cachorro” e “gato ordinário” atestam o seu estado miserável de dor e amargura.

Dada à clareza com que os afetos se fazem presentes ao longo do texto literário de Graciliano Ramos, trazemos, nesta conjuntura, o pensamento de Jacques Lacan, presente n’*O Seminário X: a angústia* (2005). O psicanalista prossegue os estudos freudianos a respeito da designação do afeto e, por conseguinte, salienta que eles são frutos da angústia. Esta última, segundo profere Lacan, é uma entidade inconsciente, que corrói o ser humano em seu interior, e o atormenta, aflige e flagela, sendo indecifrável. Daí, o “arremate” deste raciocínio: todo afeto brota desta angústia, lembrando que ela também é um afeto.

Analisando as concepções acerca da designação do afeto, Imbrasciati (1998) ressalta que, mesmo sendo sentimentos que vivenciamos em circunstâncias diversas, o afeto pode ser mais facilmente compreendido e notado pelo outro, que sofre a sua interferência, do que por nós mesmos. Os sentimentos, por vezes, não são perceptíveis, de imediato, por quem os vivencia.

Em vários momentos, o vocábulo “rato” é proferido no romance, fator que nos causa curiosidade. Pensemos, então, na projeção estabelecida em torno deste termo. A palavra “rato” designa vários significados: bicho imundo, roedor de coisas que não lhe pertence, ladrão, dentre outras adjetivações nada agradáveis, que sugerem outros estados deploráveis da existência humana. Diante disso, podemos irmanar esta concepção ao universo habitado por Luis, sujo e deteriorado, bem como ao seu próprio estado de angústia, conforme afirma: “Está claro que o desarranjo é interior. Por fora devo ser um cidadão como os

outros, um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador, um Luis da Silva qualquer.” (p.35). Luis sente-se em estado desprezível e este desarranjo é capaz de somar-se à sua inquietude interna; assim, –são os ratos metáforas, símbolos da angústia, ou seja, roubam-lhe e deterioram o sossego interior. Vejamos: “Os ratos é que me roíam a paciência. Corrote, corrote – era como se roessem qualquer coisa dentro de mim” (RAMOS, 2011, p. 99).

Sob esta mesma perspectiva, o rato (a angústia, aqui subentendida) reproduz o sintoma da falta, do objeto perdido. Na concepção de Sigmund Freud: “O objeto do desejo é um objeto perdido e, por esta razão, ele se define como indestrutível: mais do que um adjetivo, esta propriedade é a essência mesma do desejo.” (MEZAN, 1985, p. 76). Assim sendo, a falta é o reflexo do desejo que busca suprir a privação de um objeto, e isso pode ser mostrado no momento que Luis vê Marina; até então, nosso protagonista não a tinha enquanto namorada e sua mulher, este último, tampouco mais tarde. Como apresentado no texto:

Lá estão novamente gritando os meus desejos. Calam-se acovardados, tornam-se inofensivos, transformam-se, correm para a vila recomposta. Um arrepio atravessa-me a espinha, inteiriça-me os dedos sobre o papel. Naturalmente são os desejos que fazem isto, mas atribuo a coisa à chuva que bate no telhado e à recordação daquela peneira ranzinza que descia dos céus dias e dias. (RAMOS, 2011, p. 30).

O amor e o corpo de Marina podem ser conjugados enquanto objeto perdido – fonte da angústia - presente na vida de Luis e, por isso, o desejo é o sintoma desta falta. Além disso, o desejo é suprimido, atormenta-lhe e relembra as palavras de Lacan, quando diz que na angústia “o sujeito é premido, afetado, implicado no mais íntimo de si mesmo.” (LACAN, 2005, p. 191). Situada entre gozo e desejo, a angústia é constituída da falta, da perda do objeto do desejo e, por este motivo, não serve para

*“Dores só as  
minhas”:  
notas sobre  
Angústia*

---

117

nada, a não ser perturbar o sujeito; não é a toa que podemos nivelá-la a ratos.

Em outro momento, ocorre ao contrário. O sertanejo observa várias mulheres e a agonia lhe toma conta, passando a desejar o objeto inexistente em sua vida, uma mulher: “As ruas estavam cheias de mulheres. E o rato roia-me por dentro.” (RAMOS, 2011, p. 47). Logo, ele diz: “Na sala de projeção, a neta de d. Aurora abriu um leque enorme em cima das coxas e meteu a minha perna entre as dela. Subitamente o rato deixou de roer-me” (Idem. p. 48). Nota-se, pois, que aqui existe a correlação angústia-desejo-gozo, este último alcançado n depois de Aurora lhe proporcionar prazer, ao colocar suas pernas ao seu dispor.

Entretanto, o desejo não é apenas de cunho sexual, embora isso seja mais precisamente salientado; é também um desejo de caráter moral, manifesto através da ânsia pela igualdade, justiça e uma condição digna, humana para seu povo do nordeste. A passagem “lá estão novamente gritando os meus desejos” induz, através do advérbio “novamente” que não é apenas o desejo sexual que vem à tona, mas que existem outros, sentidos no passado e no presente.

Mais salientes, mas não mais importantes que o desejo, dentro deste texto literário, são a inveja e a cólera, afetos que permitem ao narrador/ personagem tecer sua história com um pendor trágico. Renato Mezan, na obra *O desejo da psicanálise*, discorre sobre as considerações de Freud em torno da inveja, tomada como a posse de algo que é interdito. Segundo Freud, a inveja pune ao transgressor, àquele que possui os prazeres e o gozo dos quais o invejoso é privado. Dessa forma, “a inveja é, assim, num primeiro momento o atributo a ousadia; mais precisamente, é aquilo a que a posse do atributo ou o exercício da ousadia dão acesso, ou seja, uma gratificação pulsional da qual me vejo privado” (MEZAN, 1985, p. 73).

Luis da Silva manifesta estes traços do invejoso. Impossibilitado de ter Marina como sua esposa, o protagonista alimenta o sentimento de desprezo, desdém perante Julião Tavares, que agrega feições burguesas e autoritárias. O romance aclara estas concepções: “Julião Tavares, patriota e orador. [...] falava alto, atirava cumprimentos aos desconhecidos e era amável em excesso [...] o que me aborrecia era saber que essas palavras eram aceitas [...]” (RAMOS, 2011, p. 185). O que, ainda, lhe causa decepção é o comportamento de Marina, que despreza o seu amor e sacrifício, manifestando ingratidão.

*“Dores só as  
minhas”:  
notas sobre  
Angústia*

---

119

Marina recebeu os panos friamente, insensível ao sacrifício que eu fazia, aquela ingrata. [...] virada para um sujeito que podia pagar-lhe camisas de seda, meias de seda. Que valiam os tecidos grosseiros comprados ao velho Abraão, ou Salomão, o tio de Moisés? Nem olhou os pobres trapos, que ficaram em cima de uma cadeira, esquecidos. (RAMOS, 2011, p. 95).

Privações, inutilidade e abnegação social continuam na vida de Luis, se comparados ao seu objeto de aversão – Tavares – e estes sentimentos alimentam o seu comportamento odioso:

Aqueles modos davam-me a impressão de que tudo em roda era dele. Os passeios públicos eram dele. Certamente ninguém me proibia andar nos jardins, sentar-me, ver as mulheres. Mas as mulheres não reparavam em mim, pessoas conhecidas olhavam-me distraidamente. (RAMOS, 2011, p. 187).

A atmosfera destrutiva eleva-se no momento em que Luis não se sente o único, pois há um “intruso” em seu mundo. Ao falar sobre a fonte de afetos execráveis, Vieira (2001), verbaliza a respeito de nossa existência: “só pode haver Um”. Esta fórmula se escreve seguindo os meandros das paixões humanas, cristalizadas na língua. “Só pode haver Um e, portanto, a raiz da agressividade, do ciúme, da inveja, e também da raiva e da cólera (VIEIRA, 2001, p. 188)”. O que nos ocorre é que Luis, já sabendo

*Suzana  
Zanon*

*Robson  
Pereira  
Gonçalves*

---

120

que não é mais este “Um”, o único em seu universo existencial, passa a nutrir o seu desarranjo interior do sentimento de cólera, advinda de decepções profundas, segundo os estudos lacanianos. O psicanalista atribui este afeto, semelhante a um “choque” violento de expectativa, a uma falha decorrente do que espero do Outro – o mundo que nos cerca e que pressupõe o símbolo de ordenação neste mundo – e que não se torna realizável, conforme imaginado. Comentando sobre a origem da cólera, Vieira ressalta a sua designação, segundo o psicanalista francês, dizendo que ela brota da ruptura de algo inexplicável, de uma falha cuja está isenta de razões, de explicações que a justifiquem. Luis desfruta de falhas, decepções, rompimentos e desacertos durante todo o seu percurso, o que justifica a sua cólera.

A cólera do protagonista aumenta aos poucos no romance, visto que se harmoniza à inveja; daí a punição do invejoso. Luis declara: “A cólera engasgava-me”, e ele mesmo castiga, pune o indivíduo que goza do prazer que lhe é privado. Este castigo é a morte de Julião Tavares que, ao contrário dele, usufrui “[...] uma vida cheia, uma vida nobre, dedicada ao trabalho” (RAMOS, 2011, p. 86). Tavares, o burguês, “posterga” o deleite, a satisfação e o contentamento, que na vida de Luis não se encontram:

Era preciso que alguma coisa prevenisse Julião Tavares e o afastasse dali. Ao mesmo tempo encolerizei-me por estar pejando o caminho, a desafiar-me. Então eu não era nada? Não bastavam as humilhações recebidas em público? No relógio oficial, nas ruas, nos cafés, virava-me as costas. Eu era um cachorro, um ninguém.

– “É conveniente escrever um artigo, seu Luis.” Eu escrevia. E pronto, nem muito obrigado. Um Julião Tavares me voltava as costas e me ignorava. Nas redações, na repartição do bonde, eu era muito trouxa, um infeliz amarrado. Mas ali, na estrada deserta, voltar-me as costas como um cachorro sem dentes! Não. Onde vinha aquela grandeza? Por que aquela segurança? Eu era um homem. Ali era um homem. (RAMOS, 2011, p. 195).

Tendo em vista que Luis é um homem em profundo estado



de tristeza, lembramos que esta é capaz de privar o sujeito do gozo, da liberdade e da coragem; o sujeito acaba tornando-se amargo e a sua postura acaba por diluir-se no trânsito entre culpa e inocência. Sente-se vítima e, ao mesmo tempo, perverso, segundo Vieira (2001). Vislumbramos na passagem acima a oscilação entre as manifestações de debilidade e inutilidade, juntamente ao sentimento de valentia, revelada no momento em que está sozinho com Tavares em um ambiente desolado. O protagonista se revela, pois, um covarde, porque ali ele é perverso e em outros casos é a vítima, o que é mostrado por um caráter debilitado através dessa falsa coragem, sugerida pela expressão “ali eu era um homem”, a qual nos leva a crer que em muitos outros momentos era acovardado pela persuasão de que não era um “homem”. Era, antes, um ser humano fraco e miserável, como ele mesmo afirmava: “Em trinta e cinco anos haviam-me convencido de que só me podia mexer pela vontade dos outros” (RAMOS, 2011, p. 196). “Ali”, sozinho, com o inimigo desprotegido, ele poderia deixar emergir a valentia e a força de um verdadeiro homem.

É inegável que os afetos se projetam, cada vez mais negativamente, o que conduz à tragédia, saciando o ódio obsessivo pelo burguês e levando o protagonista ao gozo:

A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos apertadas afastaram-se. Houve uma luta rápida, um gorgolejo, braços a debater-se. Exatamente o que tinha imaginado. O corpo de Julião Tavares ora tombava para a frente e ameaçava arrastar-me, ora se inclinava para trás e queria cair em cima de mim. A obsessão ia desaparecer. Tive um deslumbramento. O homenzinho do jornal não era eu. Esta convicção afastou qualquer receio de perigo. Uma alegria enorme encheu-me. Pessoas que aparecessem ali seriam figurinhas insignificantes. Tinham-me enganado. (RAMOS, 2011, p. 196).

Luis é tomado pelo gozo oriundo da morte do inimigo, o que lhe permitiria sentir-se “Um”, o único. O homem inútil e

*“Dores só as  
minhas”:  
notas sobre  
Angústia*

---

121

*Suzana  
Zanon*

*Robson  
Pereira  
Gonçalves*

---

122

miserável já não mais existia, e o que nascia, neste momento do assassinato, era um homem que exteriorizava o seu desejo e que matava o tormento que o fazia sentir-se, cada vez mais, um fraco e temeroso, ainda que clara fosse a sua queda, por meio do crime cometido.

O pescoço do inimigo, premido pela corda, produz um efeito sintomático no leitor que, neste episódio, é capaz de sentir-se preso, sufocado e angustiado com um texto que, desde seus primórdios, percorre caminhos áridos, difíceis, e que se torna inquietante. Afora isso, o ritmo da etapa final do romance se dá numa sequência de acontecimentos tediosa, construída num parágrafo apenas, de forma a revelar o delírio do protagonista, loucura mergulhada na repetição de fatos, de personagens infelizes, fúteis e ordinários, o que nos causa, de certa forma, a náusea. Daí, os afetos causados em nós, leitores, através do discurso. Lembramos, mais uma vez, Freud, que nos diz:

Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens. Assim, não depreciaremos o uso das palavras na psicoterapia, e nos agradecerá ouvir as palavras trocadas entre o analista e seu paciente. (FREUD, 1986, p. 10).

Dessa forma, o romance cristaliza os delírios que flutuam na mente do nordestino, mascarados pelo retorno, ou seja, a repetição do homem triste que vagueava pela cidade, e o homem cego que cantava o bilhete premiado, 16.384, dentre outras passagens que repetem a visão do pai morto. Essas passagens tornam-se um tanto quanto confusas, parecem ilógicas, a uma primeira vista, pois para quem seria o bilhete premiado? Quem seria o homem triste que, repentinamente, surge no romance?

Antonio Codino Cabas comenta o curso dos estudos

freudianos em torno do fenômeno da repetição, considerável enquanto expressão clínica. Em *O sujeito na psicanálise de Freud e Lacan* (2009), Cabas traz os postulados de Freud, salientando que a repetição conduz o sujeito à reiteração de lembranças, ideias e representações como uma repetência contínua e insistente, a ponto de se tornar monótona, sem perspectiva de continuidade. Nesse contexto, o inconsciente “se põe a rodar em volta dele. Sem cessar. Quer dizer, se põe a rodopiar como em torno de um ponto cego” (CABAS, 2009, p. 78). O Retorno, conforme descrito por Freud, advém dessa via, de forma a refazer o mesmo caminho. E Luis refaz as mesmas vias, o que conjuga a monotonia de seu percurso desenhado pela busca de um lugar inatingível. Vejamos, pois, como isso acontece na obra em estudo.

Debruçado na janela da varanda, Luis da Silva contempla a vista medíocre: “[...] o gato pulou de um galho da mangueira, saltou o muro, trepou num monte de lixo e cacos de vidro. O homem triste andava entre as pipas, debaixo do telheiro a encher dornas” (RAMOS, 2011, p. 66). Em seguida, observa e repete novamente: “O homem triste passeava entre as pipas” (RAMOS, 2011, p. 67); é como se a vida do sertanejo andasse em círculos, nos mesmos trilhos, sem chegar a lugar algum. O homem desprovido de visão surge como uma constante, de forma a acentuar a repetição fantasiosa de Luis: “Fazia um gorgolejo medonho e vertia piche das chagas. 16.384. O cego dos bilhetes batia com o cajado na parede.” (RAMOS, 2011, p. 230) e, ainda: “Acomodavam-se todos. 16.384. Um colchão de paina. Milhares de figurinhas insignificantes. Eu era uma figurinha insignificante e mexia-me com cuidado para não molestar as outras. 16.384. ‘Íamos descansar. Um colchão de paina” (RAMOS, 2011, p. 231).

A par dessas ocorrências, o delírio é capaz de personificar uma vida constituída da falta, triste, comum, como o homem triste – que poderia ser o *alter ego* do próprio protagonista – ou

*“Dores só as  
minhas”:  
notas sobre  
Angústia*

---

123

Suzana  
Zanon  
  
Robson  
Pereira  
Gonçalves

---

124

seja, Luis espelha-se nesta criatura melancólica e medíocre. Por outro lado, as horas de devaneio trazem um suposto desejo no imaginário, através do homem cego que anuncia o número do bilhete premiado, fortuna que, se posta nas mãos de Luis, tornaria-lhe um homem que experimentaria uma existência completamente inversa a sua, pobre e desgraçada, até então.

Neste mesmo sentido, o retorno/repetição ocorre no romance, de forma a contribuir para este itinerário na vida do funcionário público. Isso verifica-se, por exemplo, com a criada, Vitória, meio surda, que tenta educar o papagaio mudo, através dos versos rimados:

*Curupaco, papaco,  
A mulher do macaco  
Ela fia, ela cose,  
Ela toma tabaco  
Torrado no caco.* (RAMOS, 2011, p. 41).

Podemos perceber que, além da repetição dos sons, a rima, há a impossibilidade de um trajeto, de versos que continuarão na boca desdentada e na voz áspera da velha Vitória e, logicamente, não far-se-ão presentes na fala do papagaio, que é mudo, o que nos leva a perceber a incongruência e a desordem do universo de Luis. Além disso, esta impossível imitação conduz à metáfora da realidade, enquanto “rimada”, reproduzida por Graciliano Ramos. O texto, assim nos mostra: “A lembrança chega misturada com episódios agarrados aqui e ali, em romances. Dificilmente poderia distinguir a realidade da ficção. De resto, a dor dos flagelados naquele tempo não me fazia mossa” (RAMOS, 2011, p. 41).

O autor sertanejo mascara, neste instante, um discurso travesso e contraditório. Isto é possível pelo viés da relação entre a impossibilidade de sentir-se em estado de choque ao se deparar com sofrimento de seus compatriotas – pois desfrutava dessas

mesmas condições – e *Angústia*, que vem para imitar, amalgamar-se à realidade de seu povo, enaltecido pelo verso da mulher que cose e fia (o que nos lembra própria mulher nordestina, em seu trabalho árduo), e manifestado, ainda, pela velha insana, que insiste em repetir ao papagaio mudo versos que jamais serão ditos por ele. É como se a vida de todos os personagens caminhasse em busca de um universo, desejo e satisfações inalcançáveis; e o fenômeno da repetição contribui para esta compreensão. Entretanto, podemos também refletir sobre um possível deboche de Graciliano Ramos para com o sistema: Uma velha surda – símbolo de um poder que domina e é incapaz de ouvir a súplica dos desfavorecidos – que tenta, incessante e insanamente, fazer com que um papagaio mudo fale, ou seja, que o povo repita e marche de acordo com a lei que lhe é imposta, continuando em sua condição de desigual.

Desvendar alguns dos mistérios presentes nas entrelinhas de *Angústia* torna-se mais do que um desafio, um garimpo em busca de preciosidades veladas no discurso de Graciliano Ramos, que não nos traz a história de um simples Luis da Silva, como este verbalizava no início de sua história: “Dores só as minhas, mas estas vieram depois” (RAMOS, 2011, p. 41). O romance nos traz um universo de dor simbolizada por um Luis “qualquer”, que traduz vários outros Luises, uma comunidade submersa na desgraça, tristeza e imundície de uma condição existencial, numa atmosfera tomada pela desigualdade.

*Angústia* nos angustia também, porque nos mostra um universo de sensações, conforme dito por Jorge Amado, na epígrafe deste texto; estas estão em nós arraigadas e prontas para florescer sob as máscaras da angústia e do desejo de cura da dor humana.

*“Dores só as  
minhas”:  
notas sobre  
Angústia*

---

125

## “Pains, only mine”: notes on *Angústia*

**Abstract:** This article intends to be an investigation on Graciliano Ramos’s novel *Angústia*, published in 1936. Departing from the perspective of psychoanalytic intellectuals such as Sigmund Freud and Jacques Lacan, we analyze the anxiety phenomenon in the text, and how it unleashes affections. This is studied through the representation of the protagonist’s life: how Luis da Silva reaches heights of wretchedness, of an indeed miserable life.

Suzana  
Zanon

**Keywords:** Affection. *Angústia*. Graciliano Ramos. Sigmund Freud. Jacques Lacan.

Robson  
Pereira  
Gonçalves

### Referências

ALONSO, Silvia et al. *O desejo na psicanálise*. Manoel T. Berlinck (org). Campinas: Papyrus, 1995.

CABAS, Antonio Godino. *O sujeito na psicanálise de Freud e Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

COMPANGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

FILHO, Adonias. *Angústia*. In: RAMOS, Graciliano. *Angústia (75 anos)*. Rio de Janeiro: Record, 2011. p 270 – 273.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

IMBRASCIATI, Antonio. *Afeto e representação: para uma análise dos processos cognitivos*. São Paulo: Ed 34, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário*. Livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

RAMOS, Graciliano. *Angústia (75 anos)*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SANTIAGO, Silvano. Posfácio. In: RAMOS, Graciliano. *Angústia* (75 anos). Rio de Janeiro: Record, 2011.

VIEIRA, Marcus André. *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

*“Dores só as  
minhas”:  
notas sobre  
Angústia*

---

127